

# ANTONIO CANDIDO EM LETRA, VOZ E HISTÓRIA

JERUSA PIRES FERREIRA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

## Resumo

O trabalho se divide em duas partes, evoca a vivência e menciona a forte presença de Antonio Candido num itinerário de descobertas. Parte de um anexo publicado em seu livro *O discurso e a cidade* para considerar um método de aproximação: Literatura e História. Aproveitando para falar de uma pesquisa em curso.

## Abstract

*This paper is composed of two parts, recalling Antonio Candido's life experience and mentioning his strong presence in an itinerary of discoveries. Taking as its point of departure an attachment published in the book *O discurso e a cidade*, this paper surveys a method of approximation – Literature and History – using the opportunity to also describe research in progress.*

## Palavras-chave

Contribuição;  
letra;  
Voz;  
História;  
Documento;  
Paródia;  
Souza  
Caldas;  
Pires ferreira.

## Keywords

Contribution;  
Letter;  
Voice;  
History;  
Document;  
Parody;  
Souza  
Caldas;  
Pires ferreira.

**D**evo a Antonio Candido atenções e motivações muito especiais. Chegando a São Paulo no ano de 1977 para o Doutorado que se cumpria na FFLCH, sob orientação de Ruy Galvão de Andrada Coelho (seu velho colega e amigo), pude discutir com ele algumas etapas desta sofrida, tão intensa e valiosa travessia.

Conta-se aí com a chegada de Paul Zumthor, que ofereceu seminários na Unicamp e foi sob a recomendação entusiasmada de Candido que pude ter acesso ao belo livro que o mestre escrevera, *A Holanda no tempo de Rembrandt*, homenagem ao país em que viveu.

Assim, fui me aproximando do professor sempre tão sábio, elegante, generoso e disposto, devendo mencionar aqui dois roteiros principais: o das visitas ao seu gabinete na USP, já próximo então da aposentadoria e os encontros em sua casa naquela simpática vila, no Itaim. Acolhida extraordinária de sua parte e de Gilda, quando o calor humano e a simplicidade se faziam irrecusáveis, e a conversação se prolongava por um tempo mais largo, substituindo também os afetos familiares de quem tinha vindo percorrer outros caminhos.

Sentia-me tão à vontade em sua casa, que uma vez pedi ao Professor Florestan Fernandes, então de passagem, que sentasse para comer um pouco, e insisti: “venha bicar um bocadinho”, ao que ele muito sério, contestou: “como posso bicar se não sou passarinho?” (risos). Difícil esquecer aquela noite. Houve também oportunidades em que Candido me ofereceu préstimos e até me conduziu, depois do jantar, ao modesto sobradinho que eu ocupava no bairro de Monte Kemmel. Uma vez, dirigindo sua “Brasília”, no percurso para casa, me entusiasmo e começo a lhe falar de um folheto de cordel chamado “Marcelo, a pomba e o gavião”. Ele, pára e com segurança, me remete aos contos do *Panshatantra*. Foi aí todo um caminho que se abriu e que me fez chegar desses contos da tradição hindu a outras seleções como o *Calila e Dimna*, por exemplo. Sua sabedoria reverberava da qualidade do ensinamento à localização comparativa, pelos caminhos de uma memória tão atuante!

Em outro momento, e sabendo que eu passava a me ocupar do tema fáustico, incluindo nesta rede as encenações teatrais, recupera e narra memórias de sua adolescência, começando a dizer o Fausto com uma graça de que só ele é capaz. Conta sobre os espetáculos e encenações familiares e recita trechos inteiros do poema. Oferece então livros, inclusive os três volumes de Charles Dédeyan, que eu viria a utilizar com frequência, apesar de reconhecer as limitações deste autor, conforme ele me avisara.

A riqueza que constrói a ligação entre repertórios de saberes e agudas observações críticas vão incluindo a letra e a voz no conjunto das atuações de Antonio Candido.

O seu humor sempre requintado de que fez parte, por exemplo, sua reação sobre um entorce de pescoço, que me obrigou ao uso de um colar ortopédico, conhecido como Minerva. Depois de cumprimentá-lo, nas Colmeias (USP), e dizer-lhe que estava renascendo para a vida e para o conhecimento, ele respondeu: “então são os traumas naturais do nascimento”, reação que me faria rir e lembrar para sempre a presteza do seu “repente”.

Nessa sua vocação para captar detalhes que incluem um riso sábio, refletido no livro *O discurso e a cidade*<sup>1</sup> (relembrado recentemente a mim por Maria Augusta Fonseca), quando me detenho nas referências a João de Deus Pires Ferreira, telefonei-lhe e conto minha ligação com a atraente figura de Gervásio Pires Ferreira. Transmíteli então tantas coisas sobre este personagem fundamental para a Independência do Brasil, também admirado por ele, que em marcação e ritmo vocal ia me repetindo: “De fato, um libertário!”

Por muitos anos e percorrendo fichários de importantes bibliotecas, mundo afora, sempre encontrei uma indicação precisa sobre Gervásio Pires Ferreira, o que me levou à aproximação de importantes materiais de informação histórica e familiar que meu sogro Rubem Pires Ferreira me legou, uma espécie de memória heroica. Através de Edgardo Pires Ferreira<sup>2</sup>, pesquisador incansável de um projeto que procura deslocar rumos da História da Independência através desta família, e contando com suas informações, passaria a saber o quanto João Cabral de Melo Neto e Evaldo Cabral consideravam tudo isto muito importante para uma aproximação a fatos e elementos da História do Brasil, repensada. Viria muitos anos depois o importante livro deste último sobre Frei Caneca<sup>3</sup> e em que Gervásio desempenha destacado papel revolucionário. Confirma-se a presença destes ideais revolucionários que se enraízam tanto na Revolução Francesa como na construção do mundo liberal norte-americano do século XVIII.

Gervásio ocupa a cena principal e devemos introduzir também a figura de Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira (Barão de Cimbres), seu pai.

<sup>1</sup> Antonio Candido. *O discurso e a cidade*. São Paulo, Duas Cidades, 1993.

<sup>2</sup> Edgardo Pires Ferreira. *A mística do parentesco*. v. 1 - Pernambuco/São Paulo, Editora Marques e Marigo/Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 1987.

<sup>3</sup> Evaldo Cabral de Mello. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*. São Paulo, Editora 34, 2001.

As pesquisas já me tinham revelado mas no mesmo livro de Edgardo Pires Ferreira encontramos que, depois de passar quatro longos anos nos cárceres de Salvador, fingindo-se de mudo (Soletto, 1822), Gervásio Pires Ferreira e seus companheiros, entre estes seus irmãos Joaquim e João de Deus Pires Ferreira, encontraram a liberdade em 1821, graças à Revolução Constitucional de Portugal em 1820. Permaneceu mudo, no entanto, por quatro anos para não comprometer a causa pela qual havia lutado e para proteger seus companheiros. Assim, ainda por algum tempo depois que retornou ao Recife, comunicava-se por escrito (1987, p. 143).

Gervásio casou-se em julho de 1872 com Genoveva Perpétua de Jesus Caldas. Era filha de Tereza Joaquina de Jesus nascida na freguesia de São Cristóvão em Lisboa e de José Pereira de Souza Caldas (cavaleiro professo da Ordem de Cristo) e fidalgo da Casa Real de Portugal. Prima legítima do poeta sacro brasileiro reverendo doutor Antonio Pereira de Souza Caldas.

Ora, encontrando essas afirmações, relacioná-las com a dedicatória e o diálogo de Souza Caldas com João de Deus Pires Ferreira na carta, trazida por Antonio Candido em seu anexo, foi um caminho bem direto.

João de Deus Pires Ferreira nasceu em 1759, na Freguesia de São Frei Pedro Gonçalves no Recife, e faleceu em abril de 1821. Bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra em maio de 1788, também matriculou-se em Filosofia em outubro de 1786 e Matemáticas em 1778 e 1781, na mesma Universidade. Administrador da estiva da Alfândega de Pernambuco, desde 1786, com o seu colega da Universidade de Coimbra, o cônego Bernardo Luis Ferreira Portugal, lutou para libertar a sua pátria e contra a escravidão. Ilustríssimo pernambucano de 1817, como se disse, com seus irmãos Joaquim e Gervásio Pires Ferreira, participou da Revolução de 6 de março de 1817. Esteve preso durante três anos na Fortaleza da Ilha das Cobras no Rio de Janeiro e posteriormente nos cárceres da Bahia. Enfermo, em 10 de dezembro de 1820, recuperou a liberdade, entretanto veio a falecer logo depois em abril de 1821.

Quanto a Souza Caldas<sup>4</sup>, nas consultas feitas a várias fontes, inclusive na Internet, encontramos que nasceu no Rio de Janeiro a 24 de novembro de 1762 e faleceu na mesma cidade a 2 de março de 1814. Foi um sacerdote católico, poeta e orador sacro brasileiro, além de autor de diversas obras líricas de caráter filosófico.

Com apenas oito anos de idade, evidenciando vocação para as Letras e uma saúde frágil, foi enviado pela família para Lisboa e entregue aos cuidados de um tio. Aos dezesseis anos, em 1778, matriculou-se no curso de Matemática da Universidade de Coimbra.

Entretanto, em 1781 fora preso pelo Santo Ofício por causa de suas *ideias francesas*, sendo condenado por ser herege, naturalista, deísta e blasfemo, e pe-

<sup>4</sup> Cf. *Dicionário de literatura brasileira, portuguesa e galega*. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Publicações, 1969. 2 vols.

nitenciado no auto-de-fé que se celebrou em 26 de agosto de 1781. Em consequência foi internado no convento de Rilhafoles, a fim de ser compulsivamente catequizado por seis meses.

Escreveu a *Ode ao homem selvagem*, poema inspirado em Jean-Jacques Rousseau, e em 1785 foi apontado como um dos prováveis autores de *O Reino da estupidez*, o que o coloca bem longe da ortodoxia católica e da conformidade com as normas vigentes.

Em 1801 visita a família no Rio de Janeiro, fixando-se definitivamente naquela cidade a partir de 1808. Entre 1810 e 1812 compõe cerca de meia centena de cartas (de que hoje são apenas conhecidas cinco) versando sobre a liberdade de opinião e outros temas filosóficos, mostrando que a fé religiosa, sincera e forte, coexistia nele com o desejo de liberdade de pensamento.

Os mencionados Pires Ferreira e o poeta sacro foram colegas na Universidade de Coimbra e além disso os aproximava uma relação de contraparentesco. O que é notável é que tenha o poeta português se dirigido ao irmão mais velho de Gervásio e seu companheiro de luta política para ironizar, parodiar a conquista colonial portuguesa e as viagens pelo mar. É como se o poeta estivesse escrevendo uma outra *Peregrinação* com a graça de Fernão Mendes Pinto, em outros tempos.

De fato, o inesperado texto de Souza Caldas dirigido a João de Deus Pires Ferreira, o quarto filho de Domingos Malaquias, traz importantes contribuições para o andamento da pesquisa e do trabalho em curso que venho fazendo correr paralelamente sobre Gervásio. E recolho dele o comentário sutil e a referência crítica de Antonio Candido, que deverá abrir para mim uma nova pista. A de que há de pensar-se no conjunto. Para além de Gervásio, que estudou Matemática em Coimbra, como muitos de sua família, o seu irmão, Bacharel em Leis, eles pertenciam a uma aristocracia que se tornaria moderna, passando por experiências internacionais, libertárias e não fazendo parte dos negociadores de escravos que acumulavam grandes fortunas no Brasil Colônia.

O que me fascinou em Gervásio, a partir de alguns dados que encontrei em diferentes fontes, e que oportunamente apresentarei em outro trabalho, o seu comprometimento com as nascentes da Revolução Pernambucana de 1817, o fato de, ao ser preso, fingir-se de mudo para não entregar os companheiros. E ainda, seu envolvimento com a incipiente industrialização no Recife. Suas fábricas de tecido permitiram nisso um avanço. Em sua ação comercial, negociava diretamente com Calcutá, na Índia. Sua atividade modernizadora tendo a ver, por exemplo, em diversas etapas com a fundação e organização do Banco do Brasil e defesa dos interesses brasileiros.

Ora, João de Deus partilhou naturalmente a postura de sua família e tinha os referentes de entendimento para participar com Souza Caldas da troca a um mundo conservador.

Ele podia entender o riso que levaria essas conexões libertárias e renovadoras passando pela Revolução Francesa, pela Declaração dos Direitos do Homem nos Estados Unidos, responsáveis no Recife, do século XVIII a XIX.

O que levaria Souza Caldas a escrever tal carta a João de Deus Pires Ferreira, irmão de Gervásio? O que significa que em seu livro *Candido* ajunte este anexo?

Ele transcreve a carta do poeta Souza Caldas, dirigida a seu amigo João Pires Ferreira, em que lhe aquele lhe descreve sua viagem por mar até Gênova, e assim começa: “Meu Pires”. Conta a partida, vendo desaparecer Lisboa “onde o saber pouco válido/tem valor só prata e oiro/branco açúcar, rijo coiro”.

Ironizando o hábito das bebedeiras, dialogando parodicamente com *Os Lusíadas*, fala de um Tritão todo coberto de marisco e verde-limo. E pergunta ao amigo: “Que há de ser de mim, meu Pires? Em que língua hei de falar a esse Tritão para abrandar a sua cólera? Português, Italiano, Latim, Francês, Inglês, é de que eu sei alguma coisa: mas quem pode falar a língua dos Tritões” (Candido, 1993, p. 288).

Ou adiante, referindo-se às tempestades, ao construir um roteiro que reverte heroísmos, ele diz: “Triste mania esta de andar pelo mar!”. Aproveita o sábio escritor para uma crítica ao sistema de educação europeia e que vale aqui transcrever:

Se eu ao menos soubesse nadar, por ventura me furtaria à morte que está eminente. Como é louco e bárbaro o sistema de educação que os Europeus têm adotado! Tomaram dos Gregos e Romanos o que esses tinham de pior; aprenderam a ser pedantes, esqueceram de fazer-se homens. A adolescência, idade preciosa, gasta-se em granjear vícios e decorar coisas muitas vezes inúteis. Depois de muita fadiga, um rapaz Europeu finda sua educação nos Colégios e nas Universidades, quando tem adquirido um corpo efeminado ou doente, e um espírito vaidoso, frívolo, recheado mais de nomes que de coisas, e tão extraviado do caminho das Ciências, ordinariamente nunca mais atina com ele.

E assim se dirige ao colega, e querido bom Pires:

Que me diz ao tempo, meu amigo? (Candido, 1993, p. 299).

O autor confessa ao seu interlocutor que é melhor guardar alguns capítulos para não cansá-lo, esperando que ele venha a “ler sempre com gosto particular o protesto ardente e sincero” com que se assina, o seu Caldas (1993, p. 307).

Há duas coisas a serem consideradas.

Uma é a afinidade que aproxima os irmãos Pires Ferreira do poeta Souza Caldas. Em sua veia de contestação, e mais que isso, em vivências e itinerários comuns.

A outra é a escolha desse texto por Antonio Candido, verdadeira ação pedagógica, indicação de um método que nos leva a não esquecer a História, a buscar relações que iluminem um diálogo da Literatura com a História.